

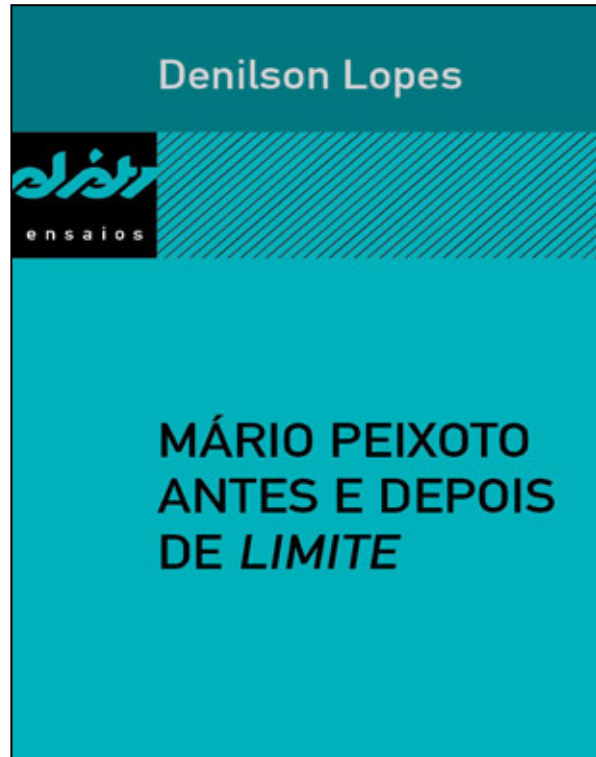
Sobre Lopes, Denilson.
Mário Peixoto antes e depois de
Limite

São Paulo: e-galáxia, 2021, 80 pp.,
ISBN 9786587639383

Fabricio Felice *

Mário Peixoto antes e depois de *Limite*, do pesquisador e professor universitário Denilson Lopes, apresenta três ensaios que buscam traçar um perfil biográfico do cineasta e escritor Mário Peixoto

(1908-1992), nome automaticamente associado à história do cinema brasileiro graças à realização de *Limite* (1931), seu primeiro e único longa-metragem e obra expoente do cinema silencioso. Com este delicado e estimulante retrato elaborado por Denilson, o artista ganha um lugar definitivo na historiografia *queer* do cinema e da literatura brasileiras. Um lugar que Mário, desde sempre, pareceu naturalmente ocupar, a despeito do que já se escreveu ou se deixou de escrever sobre o tema específico de sua sexualidade, fossem em textos com viés mais biográfico ou naqueles que se concentraram em análises sobre *Limite*. Logo, não é de surpresas ou de grandes revelações sobre a vida privada do artista que se trata o livro. Ao apresentar suas considerações sobre como se deu a experiência social de Mário Peixoto entre sua família e seus amigos, no que se refere à homossexualidade e à homossociabilidade (termo belissimamente bem empregado pelo autor ao longo do texto), é fácil notar que não foi necessário para Denilson lançar mão de nenhum grande artifício teórico ou discursivo para submeter Mário a um entendimento *queer*. Os relatos sobre a sexualidade do artista sempre estiveram por aí. Bastava alguém se dispor a dialogar sobre o assunto com alguma abertura, um genuíno interesse e uma boa dose de elegância acadêmica.



Com uma postura que se equilibra entre a aproximação cautelosa e o assumido encantamento pelo biografado, Denilson se debruça sobre diversas fontes, como os diários escritos por Mário na infância e na juventude, algumas de suas correspondências trocadas com familiares e amigos, além de depoimentos daqueles que desfrutaram de sua convivência ao longo dos anos. Entre as páginas do livro, também ganham destaque poucas –mas significativas– fotografias que acabam por indicar posturas marcadamente *queer* do artista em seus anos de juventude. Curiosamente, apesar de a quantidade de fontes parecer farta para a pesquisa, Denilson assume a dificuldade de lidar com uma série de textos, como os diários e as correspondências, que pouco ou nada relatam sobre os acontecimentos vividos por Mário, e que, por isso, impossibilitam uma recompilação de histórias “completas” sobre o artista. É na leitura das entrelinhas, das sensações poeticamente quase expressas, dos assuntos interditos ou calados nesses escritos que o autor se dispõe a encontrar a pessoa de Mário Peixoto, mesmo tendo consciência de que esse encontro será fugaz ou até mesmo impossível.

E se não há propriamente uma pessoa, com datas, fatos e nomes orbitando ao seu redor, como nas biografias mais tradicionais, ao menos Denilson consegue vislumbrar uma provável personalidade de Mário. Com um temperamento que em nada corresponde à imagem estereotipada de misantropo ou de antissocial que por ventura acabou se colando ao artista, ao longo de todo o livro temos contato com um Mário Peixoto sociável –ainda que seletivo–, amistoso e com algumas expectativas pelo mundo que lhe cercava na juventude, demonstrando gostos e interesses pelos amigos, pelo teatro, pela literatura e pelo cinema. E mesmo depois de mais velho, quando *Limite* já era história e o cinema brasileiro vivia outros embates, é delicioso saber, mesmo que através de depoimentos de terceiros, sobre as reservas que Mário tinha em relação a nomes como do crítico Paulo Emílio Salles Gomes e do cineasta Glauber Rocha, figuras então centrais nas discussões cinematográficas das décadas de 1950 e 1960.

Com uma escrita que parece revelar uma busca por um estilo ainda não totalmente encontrado, tentando mesclar a análise acadêmica com o romance biográfico, Denilson não se furta de compartilhar com o leitor os caminhos de suas reflexões e indagações sobre o biografado. E se temos, no livro, quase nada da pessoa e alguns vislumbres da personalidade de Mário, temos menos ainda daquilo que poderíamos

chamar de uma *identidade*. Ao incorporar Mário Peixoto a uma historiografia *queer* do cinema brasileiro, o autor não procura fazer do artista um indivíduo do século XXI, obrigando-o a lidar com as lutas e os discursos contemporâneos. Não há, por parte de Denilson, a intenção de promover um *coming out post mortem* de Mário nem de submeter a homosociabilidade experimentada por ele e seu grupo de amigos a uma leitura programática de atuação pública, no que se refere a reivindicações e conquistas de direitos civis no campo político. Diante do Mário Peixoto *queer* de Denilson, não precisamos lidar com uma dicotomia entre “assumidos” e “enrustidos” ou mesmo com uma argumentação que enquadra as experiências das sexualidades não normativas como um pêndulo que, muitas vezes de maneira um tanto maniqueísta, oscila entre os polos da total transgressão libertadora e da completa opressão castradora.

Ao longo dos três ensaios, estão lá as reprimendas familiares a determinados comportamentos de Mário que fogem aos padrões esperados para um jovem homem de sua idade, as censuras disfarçadas de bons conselhos expressas por um ou outro parente querido, e também as angústias dos afetos não correspondidos, como a paixão do escritor Octavio de Faria, amigo de Mário, pelo poeta Vinicius de Moraes. O texto apresenta um quadro de sutilezas, de histórias incompletas e de questões em aberto que parece convidar futuros pesquisadores interessados pelo tema a compreender melhor como se deu a experiência da homossexualidade entre aqueles que, artistas ou não, compunham o círculo de Mário Peixoto, seja em sua juventude ou durante sua vida adulta, ao longo do século XX.

Entre esses amigos de Mário, o nome de Octavio de Faria ganha destaque, especialmente no terceiro ensaio, dedicado à amizade de longa data dos dois, que nasceu em meados da década de 1910, nos tempos em que estudaram juntos no Colégio Zaccaria, no Rio de Janeiro, e seguiu até a morte de Octavio, em 1980. Ainda que o autor não se ocupe de *Limite* no livro, como informado já no seu título, não deixa de ser animador tecer algumas reflexões sobre o filme a partir desse relato sobre a amizade entre Mário e Octavio e do constante diálogo intelectual que os dois estabeleceram entre si. Por meio dessa convivência, Denilson consegue apontar para aquilo que, desde sempre, parecia quase óbvio: nem Mário Peixoto era um homem

intelectualmente isolado nem *Limite* foi uma obra artisticamente apartada do cenário cultural à época do seu lançamento.

Como membro fundador e organizador do Chaplin-Club, cineclube que iniciou suas atividades em 1928 no Rio de Janeiro e promoveu a primeira projeção pública de *Limite*, em maio de 1931, Octavio de Faria dedicou-se ativamente à crítica cinematográfica. A maior parte de seus escritos dessa época pode ser encontrada nas páginas das nove edições de *O Fan*, uma publicação de periodicidade irregular que reunia os pensamentos e os debates de jovens intelectuais cinéfilos.¹ A proximidade entre Mário e Octavio e o esforço que o então crítico dedicou a *Limite*, promovendo a divulgação do filme por meio de notas e artigos publicados em jornais da época, não deixa de apontar para futuras análises sobre as possíveis conexões de *Limite* com as ideias e os filmes debatidos pelos membros do Chaplin-Club. Mesmo que notoriamente conhecidos pela defesa dogmática do filme silencioso como esteticamente superior ao falado, que começava pouco a pouco a tomar posse do circuito exibidor, os rapazes do Chaplin-Club, com destaque para Octavio de Faria e Plínio Sússekind Rocha, outro cofundador do cineclube e admirador de *Limite*, se aprofundaram em ricas discussões sobre o cinema. Em seus artigos, analisavam, entre outros temas, as conquistas narrativas das movimentações de câmera em *Aurora* (*Sunrise*, F. W. Murnau, 1927), a potência expressiva dos *close-ups* de Maria Falconetti em *O martírio de Joana d'Arc* (*La passion de Jeanne d'Arc*, Carl Theodor Dreyer, 1928) e o impacto das propostas estéticas dos cineastas russos, como Sergei Eisenstein, Dziga Vertov e Vsevolod Pudovkin, cujo seu *Tempestade sobre a Ásia* (*Potomok Chingis-Khana*, 1928) contava com grande admiração do grupo e também foi programado pelo cineclube, em 1930. Logo, ainda que Mário Peixoto não tenha se associado formalmente ao Chaplin-Club, a amizade e o diálogo com Octavio de Faria parecem aproximar *Limite* destes debates sobre o cinema que ocupavam críticos e cinéfilos desde meados dos anos 1920.

¹ Ver: *O Fan*, nn. 1-9, 1928-1930. Disponível em: http://www.cinemateca.gov.br/jornada/2008/colecoes_fan.html [Acesso: 3 de dezembro de 2021].

Entre os muitos caminhos sugeridos para estudos futuros pelo fértil livro de Denilson, uma outra questão parece surgir: *Limite*, o filme, assim como o seu diretor, também sustentaria uma leitura *queer*? Alguns exemplos dessa tentativa de abordagem já existem em artigos e trabalhos acadêmicos,² mas talvez *Limite* e Mário Peixoto tenham uma particular capacidade de colocar muitos de seus estudiosos num impasse conceitual. Por ser um diretor que não deu continuidade à sua filmografia com a realização de novos títulos, Mário parece espertamente sabotar qualquer tentativa de convertê-lo em um *auteur* cinematográfico, pelo menos nos parâmetros mais tradicionais desse conceito, que depende de uma apreciação conjunta e comparativa de uns tantos títulos de um mesmo cineasta para consolidar o caráter de autor que lhe pode ser atribuído. Um caminho vislumbrado por Denilson em seu livro, que poderia desvencilhar *Limite* de tal impasse e proporcionar novas leituras sobre o filme, não estaria no cinema, mas fora dele, justamente na criação literária do diretor. Assim como *Limite* só tem a ganhar se voltar à companhia dos debates e dos filmes da sua época, deixando de ser evocado como um corpo estranho que parece ter surgido do nada, ele também pode mostrar muito mais de si próprio se for analisado à luz da literatura de Mário Peixoto, como, por exemplo, o romance *O inútil de cada um*, que teve sua primeira versão publicada na década de 1930, ou os livros de poesia *Mundéu*, de 1931, e *Poemas de permeio com o mar*, lançado postumamente em 2002.

Vale ainda mencionar que a existência de um livro como *Mário Peixoto antes e depois de Limite* cumpre também um belo elogio ao Arquivo Mário Peixoto, que reúne em sua sede no Rio de Janeiro uma documentação fundamental e inestimável sobre o artista.³ Graças à dedicação de Saulo Pereira de Mello, que nos deixou em 2020 devido a uma infecção pelo novo coronavírus, à sua esposa Ayla e aos demais funcionários e colaboradores do arquivo, permanece possível o reencontro de estudiosos e admiradores com Mário Peixoto e sua obra.

² Ver, por exemplo: NAGIME, Mateus. *Em busca das origens de um cinema queer no Brasil*. Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Imagem e Som (PPGIS) da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), 2016.

³ Ver: *Arquivo Mário Peixoto (Rio de Janeiro)*. Disponível em: <https://www.ufrgs.br/mariopeixoto/arquivo-mario-peixoto-no-rio-de-janeiro/> [Acesso: 3 de dezembro de 2021].

Referências bibliográficas

- FELICE, Fabricio. “A apoteose da imagem” - *Cineclubismo e crítica cinematográfica no Chaplin-Club*. Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Imagem e Som (PPGIS) da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), 2012.
- LOPES, Denilson. *Mário Peixoto antes e depois de Limite*. São Paulo: e-galáxia, 2021.
- MURARI, Lucas e Mateus Nagime (orgs.). *New Queer Cinema - Cinema, sexualidade e política*. Juiz de Fora: LDC/Caixa Cultural, 2015.
- NAGIME, Mateus. *Em busca das origens de um cinema queer no Brasil*. Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Imagem e Som (PPGIS) da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), 2016.
- PEIXOTO, Mário. *O inútil de cada um*. Rio de Janeiro: Sette Letras, 1996.
- _____. *Poemas de permeio com o mar*. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2002.

Data de recepção: 20 de outubro de 2021

Data de aceitação: 5 de novembro de 2021

ARK CAICYT:

<http://id.caicyt.gov.ar/ark:/s24690767/8j18rx64z>

Para citar este artigo:

FELICE, Fabricio. “Sobre Lopes, Denilson. *Mário Peixoto antes e depois de Limite*”, *Vivomatografias. Revista de estudios sobre precine y cine silente en Latinoamérica*, n. 7, diciembre de 2021, pp. 185-190.
Disponível em: <<http://www.vivomatografias.com/index.php/vmfs/article/view/389>> [Acceso dd.mm.aaaa]

* **Fabricio Felice** é mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Imagem e Som da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). Em 2012, defendeu a dissertação “A apoteose da imagem”: *cineclubismo e crítica cinematográfica no Chaplin-Club*. Graduado em Comunicação Social com habilitação em Cinema pela Universidade Federal Fluminense (UFF). Profissional do campo de preservação audiovisual desde 2002. Trabalhou no Arquivo Nacional do Brasil, na Filmoteca Espanhola, na Cinemateca Brasileira e na Cinemateca do Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, onde coordenou o centro de documentação e pesquisa da instituição entre 2011 e 2015. Foi integrante do comitê executivo da Federação Internacional de Arquivos de Filmes (FIAF) no biênio 2013-2015. É membro do comitê de redação de *Vivomatografias. Revista de estudios sobre precine y cine silente en Latinoamérica*. E-mail: fabriciofelice@gmail.com.